

# CADERNOS AA

## CORDEIROS DA BAHIA, FESTA E TRABALHO NAS CORDAS DO CARNAVAL

Haroldo Abrantes  
UFBA, Salvador, Bahia, Brasil<sup>1</sup>

*O carnaval é tempo de festa, mas também de trabalho. Esta imersão fotoetnográfica, realizada por um “cordeiro da Bahia”, enfoca a maior categoria de trabalhadores do carnaval de Salvador, os cordeiros de bloco. “Puxar” corda de bloco não é tarefa para qualquer um. Precisa estar curtido pela vida, gordo de fome, para ter coragem de enfrentar a multidão que se espreme nos circuitos. O carnaval é também tempo de festa para os cordeiros que labutam, fantasiados, enfeitados, cantam e dançam, namoram e bebem, enquanto puxam a corda de açoite, símbolo do moderno carnaval de Salvador.*

Palavras-chave: antropologia visual, carnaval, trabalhadores, Salvador da Bahia

### Ato I

Eles chegam aos milhares, mais ou menos 80 mil, vindos da periferia da grande metrópole, recrutados para ocupar outra periferia; as laterais, frente e fundo dos blocos de carnaval. A festa de Momo, para eles, é igual época de colheita na roça, um trabalho rápido, sazonal e todo ano se repete. Cordeiro trabalha arrastando uma corda sem fim, por entre uma multidão agressiva que ocupa todos os espaços do asfalto por onde o bloco teima passar. Cordeiro vira polícia de fronteira. Suas mãos com luva ou sem luva ficam atadas à corda durante oito horas ou mais. O bloco segue sua marcha com chuva ou sol, som alto ensurdecedor. Durante seis dias, os cordeiros colhem dinheiro para comprar comida para os seis dias e mais alguns. Nos dias da folia hedônica, Salvador não tem desempregado. Tem comida, sim, lanche, sim, dois pacotes de biscoito da marca mais barata, mais açúcar que farinha, um copo de suco e dois de água. Ser cordeiro é moleza pra quem vem da periferia, dá pra aguentar firme e ainda sobra energia pra

---

<sup>1</sup> O autor é doutorando em Antropologia no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador. Email: haroldo.abrantes@gmail.com

correr de volta e entrar na corda de outro bloco. Ganhar mais dois pacotes de biscoitos, um suco, dezoito reais e dois copos de água. Arrastar duas cordas de bloco num só dia, duas cordas 18 x 2 = R\$36,00 num só dia, muita grana... Num só dia duas multidões. Tem cordeiro homem, mulher, cordeiro novo e velho, cordeiro menino e cordeiro menina, ou será cordeira? Na ala dos cordeiros tem pobre, negro, mestiço e sem-teto. “Você tem fome de quê?” Na corda têm de tudo, menos os bacanas. Os bacanas vão em cima do trio, bebendo cerveja de graça, uísque, Red Bull e ...muita água mineral pra matar a sede, de graça.

Só fica na corda quem tem fibra e necessidade de matar a fome, é dura a vida de cordeiro. São admiráveis trabalhadores, batalhadores, bravos, fortes e bonitos. Pele de ébano e muito suíngue nas pernas. Bem que mereciam vida melhor, tratamento digno, respeito, poder usar o sanitário do bloco, afinal o bloco é seu lugar de trabalho. Todo trabalhador tem direito de usar o banheiro do seu trabalho, menos os cordeiros, está na constituição carnavalesca. Mereciam ganhar alimento balanceado condizente com o esforço feito. Lanche com fibras, aminoácidos, proteína, amido, glicose e água suficiente pra matar a sede dessa multidão, de cordeiros. O problema é que isso diminuiria o lucro do patrão, o dono do bloco, e é carnaval, não é natal. Natal sim é época de solidariedade, pensar que está pensando no próximo. Carnaval não é natal, carnaval é tempo de ganhar dinheiro, é selva carnacapistista.

No carnaval desde sempre vale tudo, liberam-se as fantasias, faz-se a cabeça, diversão é a solução. Para os donos dos blocos, dinheiro é a solução. Os cordeiros que seguram as cordas também ganham dinheiro no carnaval, deixam de ser desempregados. Bom seria se o carnaval durasse o ano todo, no carnaval da Cidade da Bahia ninguém fica desempregado, tem trabalho para todos. “Nosso carnaval é a maior festa popular do planeta”; dizem os governantes, a festa “cria milhares de empregos, gera divisas para o estado e município”. Na Bahia, todo mundo ganha dinheiro com o carnaval, uns ganham muito, outros muitos ganham pouco. Os cordeiros estão nesses muitos outros, estão na periferia do carnaval elétrico. Puxando a corda traiçoeira. Corda de açoite. Os cordeiros do fundo têm de fazer muita força pra segurar o repuxo da corda, se vacilar cai, os outros passam por cima. Dos lados da corda não tem repuxo, mas tem a multidão disputando pouco espaço para tanta gente. Disputa ombro a ombro. Tem gente sem abadá querendo entrar no Bloco. No Bloco só pode entrar quem estiver de abadá, se estiver com a farda certa. Cordeiro é segurança e porteiro, também. “Três, três passará derradeiro ficará”. Só passa por baixo da corda quem comprou abadá. “Moço, só quero atravessar para o outro lado”. “Pera aí... Vai agora que não tem feitor olhando, vai rápido, não tô vendo, ninguém tá vendo”. Carnaval devia ser no natal.

Alguns dias antes do início do carnaval de 2008, uma catadora de latas segurou minha mão e me perguntou se eu sabia quanto ganhava com seu trabalho um catador. Prontamente mandou a seguinte resposta; 78 latas de alumínio formam um quilo, valem um real e vinte centavos, cento e vinte garrafas plásticas valem vinte e oito centavos, quando não roubam na balança. Depois virou a cabeça, apontou para a Câmara de Vereadores e perguntou, por que ela não podia entrar, se ali era a casa do povo. Em seguida disse que a Bahia só tinha três poetas; Castro Alves, Edson Gomes e Solange. Perguntei quem era Solange. Ela então declamou uma poesia de Solange. “O amor é o bálsamo dos sofrimentos...”, seu nome completo, Solange França dos Santos, moradora de rua, expulsa de sua casa, um dos casarões do Centro Histórico reformado pelo governo e entregue para outro dono. Ameacei tirar sua foto, mas ela pediu que deixasse para o dia do lançamento de seu livro de poesias, seu sonho de vida, sonho de mulher. Os cordeiros também catam latas. Aproveitam o trabalho na corda para catar latas e garrafas

plásticas jogadas no chão. Como disse Solange, se não roubarem na balança, com 78 latas ganha um real e vinte centavos, que dá para comprar doze pães, 120 garrafas de plástico valem dois pães. Carnaval da Bahia é o carnaval da fome zero.

## **Ato II**

## **Ato III**

A ideia de realizar esta investigação fotoetnográfica sobre os cordeiros de bloco do carnaval de Salvador nasceu de um estranhamento, no sentido mais vasto da palavra, de perceber que no meio de uma atividade lúdica, que se supõe seja tempo do não-trabalho, existem tantos trabalhadores empenhados nas mais diversas tarefas para fazer da festa uma fonte de prazer e realizações pessoais e corporativas, e gerar lucros financeiros consideráveis para os empresários do carnaval baiano.

São diversas as categorias de trabalhadores que atuam no carnaval baiano. Neste ensaio fotográfico, extraído de minha dissertação de mestrado, orientada e apresentada no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFBA, uma categoria é destacada, os cordeiros de bloco, trabalhadores – homens e mulheres – contratados para realizar uma difícil e arriscada tarefa, sustentar uma longa corda em torno dos elementos que compõem os blocos do carnaval de Salvador, interpondo uma separação entre os foliões-de-dentro e os foliões-de-fora. A tarefa desses trabalhadores é realizada em meio a uma catarse coletiva produzida por uma caótica multidão enlouquecida que se espreme em espaços insuficientes para tanta gente.

A investigação sobre os cordeiros de bloco mudou minha forma de enxergar e participar do carnaval. Percebi que também sou membro da ampliada categoria dos “cordeiros da Bahia”. Ser cordeiro de bloco é sempre uma situação transitória na vida de uma pessoa. O sujeito pode ser cordeiro de bloco num ano e não voltar a ser no carnaval do ano seguinte, ou até não voltar a trabalhar de cordeiro de bloco, nunca mais. Em meu caso, fui cordeiro de bloco, vesti a pele de cordeiro, “puxei corda” – como eles definem sua atividade, em 2008, ano em que comecei a investigação. Em outros anos, anteriores e posteriores, também fui cordeiro, não de bloco, cordeiro trabalhador, que labuta, se sacrifica, em prol da festa e de tudo que ela proporciona para os participantes; foliões, empresários e etc.. Ressalto que, desde que tenho vida profissional, trabalho no carnaval baiano. E já se vão quase trinta carnavais. Por isso, posso afirmar que um diferencial marcante de “Cordeiros da Bahia”, é mostrar outra festa, vivida nas cordas dos blocos do carnaval de Salvador, a partir de um ponto de vista novo, diferente, do ponto de vista de um “trabalhador” sobre outros trabalhadores do carnaval baiano.

#### **Ato IV**

No carnaval baiano “cordeiro” é o nome pelo qual são conhecidos os trabalhadores contratados para segurar a longa corda que circunda os elementos que compõem os blocos de carnaval, criando áreas privativas, exclusivas e excludentes para usufruto dos foliões que pagam para ali permanecer durante o desfile do bloco.

A cada ano são contratados cerca de 80 mil cordeiros de bloco. No período que antecede o Carnaval “os cordeiros estão prontos para o abate, gordos de fome”. Se o desemprego não fosse tão alto, os empresários do carnaval teriam dificuldade em arregimentar o exército de cordeiros necessário para formar a barreira humana que cria as áreas de usufruto exclusivo dos foliões pagantes.

No imaginário da sociedade soteropolitana, os cordeiros de bloco estão no lugar dos desprovidos de tudo. Marginais e periféricos, a tarefa dos cordeiros é construir uma fronteira arbitrária que se movimenta, deslocando todo o território do bloco com tudo que está dentro dele. O cordeiro aluga seu corpo para proteger o corpo dos outros. A mercadoria que os cordeiros vendem é o seu próprio corpo, usado para proteger o corpo dos foliões do bloco. Os cordeiros são conquistadores de territórios, construtores de camarotes andantes, para aqueles que compram a senha de acesso, o abadá do bloco.

Por fim, num gesto inspirado no espírito carnavalesco, proponho uma ampliação do conceito “cordeiros” para incluir nele todos que são contaminados ou atingidos pelo mito do car-

naval baiano, incluindo aí os indivíduos que estão dentro ou fora das cordas, nos camarotes, nas calçadas, em cima dos trios. Todos que de uma forma ou de outra participam do rito em prol do mito – a crença no progresso da cidade a partir da celebração do rito carnavalesco, o qual traria empregos e a redenção econômica para a população.

O conceito de *Cordeiros da Bahia* aplicado a todos que participam do carnaval baiano, leva em conta o fato de que quase a totalidade dos participantes do ritual pode ser classificada por sua posição na corda. Dessa forma, teríamos os foliões dos blocos, ou foliões-de-dentro-da-corda; foliões pipoca, ou foliões-de-fora-da-corda; foliões dos camarotes, ou foliões-que-estão-acima-da-corda; e por último; os cordeiros de bloco, que estão literalmente na corda, este instrumento que deveria ser adotado como símbolo emblemático do moderno carnaval baiano.

## BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, Haroldo. 2009. *Cordeiros da Bahia – Festa e trabalho no carnaval de Salvador*. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado em Antropologia.
- Andrade, Rosane de. 2002. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: EDUC.
- Collier Jr., John. 1973. *A Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: Edusp.
- Dias, Clímaco. 2002. *Carnaval de Salvador: Mercantilização e Produção de Espaços de Exclusão, Segregação e Conflito*. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado em Geografia.
- Ferreira, Felipe. 2004. *O livro de ouro do Carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Miguez, Paulo. 1996. *Carnaval Baiano: as tramas da Alegria e a teia de negócios*. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado em Administração.
- Pinto, Roque. 2001. *A Bahia reimaginada: como transformar um velho entreposto comercial em um novíssimo produtor de tradições*. In: Congresso Virtual Internacional de Cultura e Turismo: Buenos Aires.
- Queiroz, Maria Isaura Pereira de. 1999. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense.

## “CORDEIROS DA BAHIA”, FESTIVITY AND WORK IN-BETWEEN THE ROPES OF CARNIVAL

*Carnival is a time of celebration, but also working time. This photographic immersion, performed by a “Cordeiro da Bahia”, focuses on the largest group of workers of the Carnival of Salvador, the cordeiros (“ropers”) of the carnival groups. “Pulling” a group’s rope is not a task for anyone. The rope-pusher need to be scarred by life, “fat” from hunger, and the courage to face a crowd which gushes into the streets of carnival. Carnival is also time of party for the “cordeiros” that struggle costumed, dressed-up, singing and dancing, flirting and drinking, while pulling the “rope of whip”, symbol of the modern carnival of Salvador.*

Keywords: visual anthropology, carnival, workers, Salvador da Bahia

Recebido em: 2014-02-07

Aceito em: 2014-08-10